

# RECIVIL CULTURAL

Zoroastro de Simone - oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais da cidade de São João Batista do Glória.

É também escritor, compositor e cerimonialista.

Zoroastro de Simone é oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais da cidade de São João Batista do Glória, no sudoeste do Estado de Minas, cuja cidade é integrante da comarca de Passos. Suas atividades na serventia, que tem o anexo de Notas, datam de 1980, do que já se foram 40 anos. Paralelamente à função cartorial que exerce, ele escreve livros, causos e poemas, compõe músicas como autodidata, atua na cidade também como cerimonialista, escrevendo cerimoniais públicos e privados. Dentre os seus trabalhos hoje vamos destacar, nesse momento inaugural do RECIVIL Cultural, alguns causos que constam do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, que ele escreveu em conjunto com o engenheiro civil Valdir Barbosa no ano 2000, ocasião em que atualizaram o Sistema Rodoviário Municipal do município de São João Batista do Glória. Na parte cultural do livro constam causos e curiosidades, dentre os quais, os que contêm uma graça especial nas suas características, que aqui publicamos.

## CHUTE NA LAMPARINA

Na nossa ida aos Canteiros, ao passarmos pela fazenda Canteiros, propriedade do Ataíde Beraldo, filho do seu Juca Beraldo, ele muito divertido e sempre prestativo nas informações que lhe solicitávamos, lá de fora da sede da fazenda, olhávamos para o tempo, que parecia querer dizer que a chuva estava por cair e ele sai com uma lembrança de quando fora instalada a energia elétrica na propriedade:

*- Eu sei que naquele dia, um povão aqui em casa, depois da força ligada, peguei as lamparina tudo que tinha aqui, despejei o querosene delas no chão e chutei elas pra horta, dizendo: ADEUS ESCURIDÃO!*

Um desaforo para as lamparinas e para a escuridão que foi testemunhado por todos que estavam na casa. De noite armou aquele chuveiro e caiu um pé d'água daqueles. Acabou a energia e passamos a noite "interinha" no escuro. E eu, ca-la-di-nho!

-----

## INFORMAÇÃO ANIMADORA

Num dos dias de andança pelo município, medindo a quilometragem das estradas, tomamos o rumo da cachoeira Maria Augusta, visando marcar a distância até lá. Um dia chuvoso, fomos ali pela região das Palmeiras, até ganhar o Escuta do ribeirão Grande, na propriedade de Nilselene Martins da Silva. Nós então fomos indo, a começar por uma estrada de ótima qualidade, como a que parte da ponte Manoel Alves Pereira, passando ao alto pelo Parque de Exposições Antônio Abílio Soares, sempre assim.

*E a estrada ia de ótima qualidade para boa, até regular, quando da descida até atingir o Escuta do ribeirão Grande, onde estávamos.*

Um pouco receosos da situação da estrada dali adiante até a cachoeira, indagamos de um senhor que não pudemos conhecer, que capinava próximo donde estávamos, na fazenda que foi do Rochinha, dizendo a ele que nos preocupava o estado da estrada daquele ponto até a cachoeira, pois que vínhamos de uma muito boa, depois pior um pouquinho até ali onde estávamos, e ele, como que aproveitando a nossa colocação para responder-nos, disse:

“- ‘Ié’. Até a cachoeira da Mari Ógusta!?! Bão! ‘Cês’ vem ‘vino’ lá do ‘Grória’!?!... Tem ‘memo inguar ceis tá dizeno’. As ‘istrada’ boa..., as ‘runha’, as ‘piozinha’..., e essa!, daqui ‘indiante’, a ‘modi chegá’ na ‘cachuera’. ‘Ceis tenta. As vez dá’ . ‘Quarqué’ coisa tem ‘tratori’ nas ‘Parmera’.

Agradecendo a “animadora” informação, olhando-nos com ar de preocupação, a chuva rondando ali o lugar, mesmo assim fomos. E conseguimos o nosso intento.

Mas o que marcou interessantemente foi a colocação daquele senhor. Dizendo haver as estradas boas, as regulares, as piorzinhas, as intransitáveis, e aquela!, a qual devíamos percorrer até a cachoeira.

Que bela informação, hem!?!  
-----

## Nos contaram:

que os irmãos Lino e Miguel Porfírio, carreiros do ‘Chico Berardo’, sacudidos no serviço, certa feita, vindos dos Canteiros, ao descerem a serra, já chegando no Barro Preto, carro cheio e por demais pesado, a descida muito forte, dos dezoito bois do carro, foi necessário colocar catorze deles na ‘corda’. Num dado momento da descida, um dos canzís de um dos bois de coice quebrou, tamanha a demanda de esforço que era exigida dos animais. O boi soltou-se e saiu em disparada. O Miguel Porfírio que estava em cima do carro, ali no cabeçalho conduzindo a boiada, vendo o acontecido, imediatamente saltou, pegou a canga e a ombrou, sustentando o peso do carro, para evitar que o pigarro batesse no chão e o carro tombasse. O Lino, que estava mais atrás, vendo o boi saído em disparada, logo foi à frente para saber o que estava acontecendo. Tal qual foi sua surpresa quando lá deparou com o irmão e compradre, naquela situação de esforço demasiado. Achou muito engraçada a cena, e até arriscou um chamamento com o irmão substituto do boi: “Fasta, cumpade Miguéle!”. E o Miguel, forte que era, teve forças para sustentar o peso do carro, auxiliando o colega boi do outro lado até lá embaixo, onde puderam ajustar a situação. Até que lá chegassem, além de tanger os bois, Lino Porfírio tratava-se também com seu irmão. Não faltando uma chacoalhada firme na vara de ferrão vez em quando, acompanhado de palavras de animação como “Firme, cumpade Miguéle, tâmo chegano!”. Assim chegados na baixada, inclusive o irmão cangueiro recebeu um... : “Ôôa cumpade!”  
-----